XXIII Conferência Internacional de Lisboa

Sessão temática
Prioridades para a Acção Externa de Portugal
África e Cooperação

O papel de África na política externa portuguesa
Vítor Ramalho . Deputado à Assembleia da República

A afirmação de Portugal no mundo assenta, sobretudo, na concepção de estar do povo português, universalista e tolerante.

Esta concepção foi, secularmente, forjada em encontros e desencontros, com outros povos e países, que miscigenizaram a sua cultura, em todos os domínios, desde a música à literatura, enraizando-se na gastronomia e na própria língua, sedimentando, por esta via, a própria alma do povo.

Os portugueses exprimem-se, hoje, pela sexta língua mais falada do mundo e a terceira do ocidente, facto que não é questão menor neste mundo aberto e globalizado.

É no aprofundamento das relações entre os nossos povos e países que assentará, seguramente, tendo presente este quadro, o nosso futuro e com ele o reforço dos demais países que se exprimem na nossa fala comum.

África teve sempre, ao longo dos séculos, desde o chamado "plano da Índia", no final da primeira metade do século XV, uma importância decisiva neste domínio.

A relação que a partir dessa altura, com maior incidência nos começos do século XVI, se desenvolveu, interligando os povos africanos com o Brasil e deste território com a própria Europa, explica a força do "samba" e a nostalgia do "fado", sendo que ambas estas expressões musicais tiveram na sua génese marcas de africanidade, suportada nos próprios poetas, muitos deles também africanos, com expressão significativa noutros domínios da arte.

O brasileiro José Ramos Tinhorão, melómano, descreve, de forma exemplar, o conteúdo dessas relações no seu livro "Os Negros em Portugal – Uma Presença Silenciosa", uma edição da Editorial Caminho.

Se a realidade é esta – e é – é nela também que deve assentar, de forma incisiva, o papel de Portugal na afirmação da sua política externa. Porque isso aproveita a cada uma das partes que se exprimem na nossa fala comum, e ao todo, sendo um valor acrescentado à política de cooperação para a própria U.E.

Explico-me. Os nossos países integram-se em continentes diversificados que vão da Europa à África, passando pela América do Sul e terminando na Ásia, e as diásporas dos nossos povos têm, hoje, no mundo, um peso não negligenciável.

Portugal é, por outro lado, a maior região da Península Ibérica, sendo a Nação mais velha da Europa e a Espanha é constituída por múltiplas nacionalidades.

Quer isto dizer que o aprofundamento das relações lusófonas com as ibero-americanas, em complementaridade estratégica, legitimará relações de parcerias crescentes, incluindo as do domínio económico, alargando o espaço de intervenção de todos, o que só pode beneficiar o futuro comum. O que implica que cada um dos nossos povos e países desenvolvam, na área

em que se integram, relações preferenciais do mesmo tipo, suportadas numa estratégia conjunta.

Neste particular, a CPLP, Comunidade com uma invulgar singularidade tem e terá um papel muito importante a desenvolver.

Em resumo – tudo ou quase tudo do futuro deve levar em linha de conta os alicerces que forjámos, porque nada se consolida se, tal como os homens, os países não cuidarem permanentemente desses alicerces. Para que haja solidez. O futuro depende disso. Acrescentarei – decisivamente.